

Linguagem, tecnologia e identidade nas plataformas digitais de comunicação: uma leitura derridiana¹

Angela Meili²

Resumo: A filosofia de Jacques Derrida, mesmo que pouco estudada na área de Comunicação, oferece reflexões teóricas importantes sobre a materialidade dos processos comunicativos porque fundamenta sua crítica e desconstrução na compreensão material da linguagem, cujo signo carrega dupla opacidade, ao se considerar a dimensão técnica da *escritura*. A condição dada pelos suportes sustenta uma programação originária da significação e da percepção, ancorada em uma mecânica arquivar, que agencia a memória e o conhecimento. Tal filosofia aponta para um campo de conhecimento que permite considerar os meios de comunicação como constituintes inseparáveis do processo de significação.

Palavras-chave: Jacques Derrida, Comunicação Social, Desconstrução, Internet, Cultura Digital

Introdução

Outrossim, cabe perguntar: como se inscreve esse acontecimento textual? Qual é a operação de sua inscrição? Qual é a máquina de escrever que o produz e o arquivar? Qual é o corpo e mesmo a materialidade que conferem a essa inscrição, de uma só vez, um suporte e uma resistência? (DERRIDA, 2004, p. 82)

O pensamento de Jacques Derrida resgata a importância da materialidade da linguagem na constituição da episteme, desenvolvendo uma crítica à metafísica da presença, sob a influência da filosofia heideggeriana. Mais do que a materialidade do signo (o significante), o autor pensa sobre a materialidade do *registro do signo* linguístico, o significante do significante; um duplo, quase sempre, relegado à marginalidade no campo das ciências linguísticas. Associa o registro, a escritura, a exterioridade do signo linguístico ao âmbito técnico, factual, cultural. A escritura derridiana é sensível, corporal, finita, um artifício do trabalho humano, cuja definição não se resume à de mera representação da fala.

¹ Trabalho vinculado ao projeto de pesquisa “Discursos sobre a Pirataria na Internet”, em desenvolvimento pela autora desde 2015, com o financiamento da Universidade Estadual do Paraná.

² Doutora em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), é professora do curso de Letras da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). E-mail: meili.prof@gmail.com

O que nos interessa é quando Derrida afirma que tal materialidade de registro pode ser pensada em relação às práticas de informação, pois denomina o “projeto cibernético” como um programa que se dá no campo da escritura. Seguindo *Gramatologia* (1967) e *Papel Máquina* (2004), notamos que é possível pensar as práticas de comunicação de modo a aproximar o debate sobre as estruturas técnicas do debate sobre a linguagem e o sentido, notando a inscrição do código de linguagem dentro de uma dinâmica espaço-temporal que fixa e permite a própria execução semântica. Percebemos, então, que a formulação do significado está atrelada e dependente das condições materiais de registro e suporte dos signos, através de técnicas, cuja existência também se produz via trabalho de escritura.

Defendemos que o conceito de escritura tem importância para o pensamento da comunicação, justamente porque ele traz, em si, a própria questão da mediação e da produção de informação, referindo-se a uma produção do signo diretamente dependente do seu suporte, seja ele físico ou virtualmente ambientado. Ao pensarmos, especificamente, sobre a comunicação nas plataformas digitais, o suporte equivale aos *softwares* que o compõem e também ao *hardware*. Tais ferramentas são produto do trabalho humano que, articulando linguagens, *escrevem*, em comunicação com as máquinas, um suporte para o registro e acontecimento de interações e informações entre indivíduos; que se produzem, daí, em função de um movimento coletivo de escritura.

As plataformas digitais de comunicação ampliam as possibilidades do signo, pois criam novos suportes e conectam polos interativos, permitindo o exercício de mediações híbridas. Devido ao constante aprimoramento de linguagens e soluções, em um processo contínuo de escritura tecnológica, os espaços virtuais de registro e troca informacional rearranjam-se e ampliam-se, o que acelera e complexifica o fluxo das informações.

Assim, as práticas simbólicas podem ser condicionadas pela própria configuração das ferramentas *web*, pois estas não são superfícies neutras, mas projetadas por um sistema de escritura que articula instâncias colocadas *a priori*. Ao entender, portanto, que os suportes comunicacionais são o resultado de uma escritura primeira, que condiciona a produção de uma segunda escritura, chamamos atenção para os aspectos materiais da linguagem, cuja análise permitiria um entendimento não puramente interpretativo dos enunciados. Dessa forma, pensar sobre comunicação, ou pensar sobre os textos ou discursos produzidos em ambientes comunicativos, implica considerar que os fundamentos materiais para essas produções são escritos, arranjados e estruturados em uma tecnopolítica (política como técnica,

técnica como política).

Desenvolvimento

Plataformas digitais de comunicação giram em torno de uma informação que não é transmitida, mas compartilhada, acessada e modificada pelos usuários; bem como o próprio sistema de informação se transforma de acordo com as demandas de uso que aparecem. Trata-se de uma atualização constante e simultânea, onde as demandas também são incorporadas aos projetos. Notamos que, quando os suportes para o registro da linguagem tornam-se mais fluidos e instáveis, estes causam também uma transformação da experiência com a linguagem, que abre possibilidades de mais desvios em relação a ontologias que teriam sido escritas, anteriormente, sob outras condições. *Se o pensamento derridiano afirma que a desconstrução da metafísica é dada a partir de um entendimento da sua escritura, qual seja, das condições de existência dessa escritura, podemos também entender que a modificação das condições de escritura na sociedade tecnológica também causa um impacto nessas mesmas ontologias.*

A supremacia da internet ocasionou uma prática de abstração extrema do armazenamento de informações, de modo que o computador pessoal é um ponto conectado a uma nuvem e depende quase totalmente de serviços, provedores e plataformas que fornecem o suporte e armazenam os dados; a arquitetura em nuvem funciona como infraestrutura de gerenciamento das informações e de disponibilização de ferramentas computacionais. O tema da virtualização dos suportes é trabalhado no pensamento derridiano, que aponta para uma informação que passa a ser sustentada pela quase-imaterialidade das operações eletrônicas, telemáticas, quais sejam, "suportes dinâmicos".

A “depapelarização” do suporte (...) é primeiramente a racionalidade econômica de um lucro: simplificação e aceleração de todos os procedimentos, ganho de tempo e de espaço, portanto estocagem, arquivamento, comunicação e debates facilitados para além das fronteiras sociais e nacionais, circulação superativa das idéias, das imagens, das vozes, democratização, homogeneização e universalização, “globalização” imediata e transparente. (DERRIDA, 2004 p. 233)

Apesar da virtualidade do objeto em questão, precisamos considerar o seu caráter formalizante (“materialidade dita sem matéria”), que não é totalidade substancial orgânica de um corpo, não é coisa, mas uma força de resistência sem substância, que retém a possibilidade de significação. A materialidade-maquinalidade não material é uma suspensão formal da

referência, sem a qual nenhum texto poderia ser produzido (o código). Deve-se, portanto, considerar o aspecto maquinal que vai ocorrer em qualquer que seja a substância de inscrição e vai depender de uma ação que o coloca em funcionamento. O aspecto maquinal é a própria técnica, a instrumentalidade, a iterabilidade mecânica dos signos. O suporte, enfim, é algo deveras multifacetado, ele contém materialidades que vão do papel à tinta, do impulso elétrico à informação digital, do espectro eletromagnético aos tímpanos e substancializa-se com o corpo intencional através da utilização “maquínica” destes materiais.

A questão do suporte está implicada em uma tecnopolítica da escrita, formulada pelo filósofo em Gramatologia, no sentido de que a técnica permite uma tensão entre o que retém (o que é impresso, materializado) e o que se dispersa (o fluxo de significações possíveis), conduzindo os caminhos entre o dito e o não-dito, entre o possível e o impossível. O suporte é relevante e não deveria ser reduzido “à função ou ao *topos* de uma superfície inerte, disposta sob marcas”, a sua passividade é aparente apenas, porque, na prática, “o papel seria um corpo-sujeito ou um corpo-substância”, cuja história estaria misturada com a invenção do corpo humano e da hominização. Enfim, operacionalizado numa experiência que engaja o corpo – a mão, o olho, a voz, o ouvido – o “papel” mobiliza, portanto, de uma só vez, o tempo e o espaço (aqui podemos nos referir a qualquer superfície passível de percepção sensorial onde as formas sígnicas são fixadas).

Podemos considerar, portanto, que os processos textuais e discursivos estariam estreitamente ligados às possibilidades de formalização e, logo, de “unidade” – unidades que são formalizadas de acordo com a “máquina editorial”, o que somente ocorre pela “superfície de inscrição”; trata-se, portanto, de processos textuais e não de um *corpus* delimitável. Ainda que Derrida refira-se à composição das unidades formais de sentido a partir de uma ideia de fixação e rastro, ressaltamos que, no construto digital, essa fixação é provisória tendo em vista a possibilidade de constante atualização e instabilidade do espaço virtual. Essa atualização, todavia, quase nunca pode desvencilhar-se de uma arquiescritura inaugural, ou seja, de um arquivo originário.

As plataformas digitais de comunicação possuem um duplo aspecto simbólico, os símbolos/signos técnicos, engajados pela tecnologia, e o signos de linguagem considerados em sua dimensão enunciativo-pragmática, onde se revelam as interdependências entre os suportes dinâmicos e a inscrição (expressão em linguagem) demandada pelos usuários dos sistemas. Em outras palavras, a interface interativa é uma zona de contato linguístico, em que

estão envolvidos múltiplos signos em uma significação fluida e expansiva³. O suporte, portanto, não é pensado como uma tábula rasa, mas como um agente que condiciona e interage com o ato de significação.

A materialidade das estruturas comunicativas, ao gerarem zonas de contato linguístico, permitem a configuração de vínculos simbólicos estreitados espaço-temporalmente, que se localizam para além das instâncias tradicionais de mediação social. Jacques Derrida sugere a possibilidade de que os suportes simbólicos oferecidos pelas estruturas técnicas informacionais têm a chance de tornar-se preponderantes ou, mesmo, instituir-se e sobrepor-se a outras estruturas sociais. Temos, assim, na filosofia do autor, um fundamento de equivalência entre o virtual e o real, pois o que importa são as possibilidades de formalização do sentido, a partir das ferramentas linguísticas em qualquer suporte. Nesse sentido, o autor afirma a potência dos suportes digitais.

O que distinguiria então esse Estado? [sobre um possível Estado virtual ou digital] O fato de seus sujeitos-concidadãos jamais se terem visto ou encontrado? Mas jamais vimos ou encontramos a imensa maioria dos franceses; além disso, os sujeitos da internet poderão um dia se ver na tela; já o podem, praticamente. O que mais? Os "habitantes" desse estado virtual não teriam história nem memória em comum? Mas ninguém pode dizer que todos os cidadãos de um país compartilhem alguma plenamente. Com exceção da que envolve uma língua mais ou menos compartilhada, por vezes pouco compartilhada (...) Esse Estado virtual, no duplo sentido dessa palavra, seria privado de território? (...) fantasmática ou uma ficção constitutivas: a ocupação supostamente legítima de um território fixo, aliás, a pressuposição de autoctonia (...) Um Estado virtual cujo lugar fosse um site de internet, um Estado sem solo, seria (...) um Estado intelectual? (...) Quase-Estados desse tipo, há, talvez vários, faz muito tempo. Isso talvez esteja também inscrito no conceito de Estado. (DERRIDA, *op. cit.*)

Os ambientes virtualizados geram possibilidades de significação, ainda que, muitas vezes restritas ao sistema (exemplo, o botão “curtir” do Facebook, por exemplo, onde o sistema gera um sentido que será reiterado a cada clique), mas que podem ser utilizadas estrategicamente pelos usuários. Tais redes atuam na vida dos usuários, tanto em termos de hábito, quanto em termos de integração à vida social efetiva e formação de comunidades simbólicas. Assim, podemos aproximar o imediatismo de um acontecimento (o ato social) em sua relação com um potencial de “eternização” dado pelo registro (o ato simbólico). Derrida utiliza, para caracterizar tal fenômeno, uma ideia de *subjétil*, que é em si o corpo do acontecimento arquivado e autodêitico dos sujeitos: o sujeito projetando-se espaço-

³Fluxo internacional de imagens, informação, migração, turismo, fluxo de capital financeiro, em meio a uma sociedade dos fluxos planetários (CASTELLS, 1996 *apud* LEÃO [org.], 2004)

temporalmente para uma coletividade, em determinado momento. O conceito afirma uma relação estreita entre a ocorrência de inscrição em sua singularidade (de acontecimento, ato único e imediato) e o depósito material (o suporte, o subjétil, o documento, matéria resistente).

Nessa linha, o sujeito não se configura a partir de sua essência, mas uma singularidade espaço-temporal que pode ser apenas verificada a partir da inscrição material de sua performance linguística ou enunciativa. Essa desconstrução da subjetividade dialoga com o que teóricos da comunicação e da cultura observam como sendo a diluição ou fragmentação das identidades contemporâneas, de uma cultura hiperconectada, como Manuel Castells (2003), ao discutir sobre a questão da identidade na era digital.

Para grande parte dos pensadores pós-modernos, a identidade não é mais vista como uma categoria em si, mas como resultado de projeções simuladas, que são produzidas como efeito de um jogo mais profundo que se dá entre a diferenciação e a repetição (DELEUZE, 2000), sua representação enquanto mesma é ilusória e passageira. Pretender-se apontar ou nomear identidades supõe certa generalidade de categorização, ao contrário, o processo identificatório não é o estabelecimento de uma inerência, mas sim de uma constante diferenciação a qual não permite substancializar um ser ou categoria e sim perceber o processo em que a própria identidade, ou individuação, resulta da diferença.

Assim, por uma sugestão do pensamento deleuzeano que, nesse sentido, relaciona-se com a filosofia derridiana, não perguntamos sobre uma definição de identidade, mas sobre as funções dos agentes nos processos de constante diferenciação. A ontologização da identidade aconteceria por implicações coercivas da sociedade, que regula a potência do ser enquanto possibilidade de constante mutação (natural), em função de padrões abstratos impostos ao real.

Segundo Madden & Smith (2010) os sites de mídia social desempenham um papel central na construção de identidades, de modo que o internauta formula seu perfil através das informações que acrescenta, das conectividades e das condições de privacidade que estabelece, havendo um agenciamento da identidade *online*, o qual aparece cada vez mais complexo e multifacetado.

Nota-se que as estruturas comunicativas oferecem recursos de pesquisa e organização da informação que abrem para uma nova forma de se lidar e agenciar os conteúdos a partir de uma automatização de processos de leitura e sistematização do processamento semântico, em

outras palavras, um tratamento material, arquivar e escritural das relações semânticas, pois os sentidos são tratados, sistematizados, articulados, organizados, a partir de mecanismos técnicos que lidam com semântica na sua formalidade.

Os formatos de composição das plataformas digitais de comunicação formatam as próprias enunciações, havendo uma interdependência entre o aspecto informacional e o aspecto sociocomunicativo, o que leva em consideração as relações entre a forma-suporte e a forma-sujeito – dadas no constante movimento de diferença e repetição.

(...) o princípio de diferença não se opõe à apreensão das semelhanças, mas, ao contrário, deixa-lhe o maior espaço de jogo possível. Já a questão "que diferença há?" pode, do ponto de vista do jogo de adivinhações, transformar-se em: que semelhança há? Mas, sobretudo nas classificações, a determinação das espécies implica e supõe uma avaliação contínua das semelhanças. (DELEUZE, 2000. p. 21)

Queremos dizer que o aspecto rizomático e heterogêneo das redes compostas nas plataformas digitais dependem de uma organização lógico-racional da informação, o que se dá em uma dinâmica interativa. O espaço criado pelas plataformas digitais de comunicação engloba as redes de computadores interligadas no planeta (documentos, programas e dados) e as pessoas grupos e instituições que participam dessa interconectividade, um âmbito que emerge das relações entre pessoas, documentos e máquinas. É possível mapear esses espaços, conforme aponta Authier (1998), a partir de uma cartografia dos coletivos inteligentes, observando a dinâmica dos indivíduos, sua micropolítica (ação coletiva, formação de comunidades). Os suportes são dinâmicos e interagem e participam da produção simbólica, de modo que as técnicas pressupostas à forma da expressão ajudam a compor o movimento social, o processo coletivo no qual a tecnologia é política.

Conclusão

Conforme insistiu Simondon (1989), não há fundamento em se estabelecer uma oposição entre cultura e técnica, homem e máquina, há que se reintroduzir na cultura a consciência da natureza das máquinas, de suas relações mútuas e de suas relações com o homem, além dos valores implicados nessas relações. O aspecto sociotécnico não é um mero pano de fundo para o desenrolar dos acontecimentos, pois o desenvolvimento da racionalidade humana e de toda linguagem depende intimamente de um uso histórico, datado e localizado de tecnologias intelectuais, de modo que a protagonização histórica sempre esteve atrelada a técnicas de armazenamento e processamento de representações.

Por intuição desenvolvida a partir da filosofia derridiana, entende-se que os dispositivos moldam e são moldados constantemente por uma articulação que é dada na forma de escritura. Usos da linguagem que implicam uma articulação entre formas, que são capazes de reter e projetar diferenças e marcas temporais. Registros estes sistematicamente orientados para a percepção, interpretação e experiência, que se projetam para o desenrolar de um futuro; por isso, o trabalho de desconstrução seria colocado em relação ao futuro, ao atentar para os condicionamentos do *a priori* arquivar, ele quer desnaturalizar o encerramento automático que fora instalado pelas leis que policiam e regulam as percepções, quer oferecer possibilidades e desvios em relação às maquinações hermenêuticas que prescrevem escolhas, modelos de referência e práticas.

Nesta reflexão, podemos considerar que as plataformas digitais de comunicação fazem parte desse movimento de escritura e colocam-se como elementos que ativam a inscrição prévia, participando de uma tecnopolítica da escritura supra-histórica (porque possibilitadora da história); todavia essas formalizações precedentes poderiam, pelo trabalho da desconstrução, ser reescritas em novos regimes de gerenciamento da memória. O pensamento derridiano oferece ferramentas para uma análise não hermenêutica dos fatos de linguagem que, pela escritura, passaria sobretudo pela dimensão sensorial desses eventos textuais, cuja performatividade vai além de uma questão referencial, em outras palavras, há uma ruptura do regime hermenêutico. Por fim, o mosaico da desconstrução derridiana, que se desenrola em uma rede de nódulos disruptivos, quer quebrar o regime semântico da significação, chamando atenção para responsabilidades que não dependem somente da interpretação humana, mas respondem a um programa mnemônico de inscrição sistemático, tecnológico e material – o outro não-humano.

Referência Bibliográfica

AROLA, K. L. *The Design of Web 2.0: The Rise of the Template, The Fall of Design in Computers and Composition* 27 (2010) 4–14

AUTHIER, M. *As árvores do conhecimento*. Lisboa: Instituto Piaget, 1998

AUSTIN, J. L. *How to Do Things with Words*. Oxford: Oxford University Press, 1962.

BRAGA, Eduardo C. *A interatividade e a construção do sentido no ciberespaço*. In: LEÃO,

Lúcia. (org.) *O chip e o caleidoscópio. Reflexões sobre as novas mídias*. São Paulo: Ed. Senac, 2005.

CASTELLS, Manuel. *A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

COHEN, T. Jacques Derrida and the Humanities: A Critical Reader. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*. São Paulo, Editora 34, 1995

DELEUZE, G. *Diferença e repetição*. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988

DERRIDA, J. *Gramatologia*, São Paulo: Perspectiva, 1973

_____ *Papel-máquina*, São Paulo: Estação Liberdade, 2004

_____ *Archive Fever: A Freudian Impression*. Chicago: University Chicago Press, 1998

LEVY, P. *As tecnologias da Inteligência - O futuro do pensamento na era da informática*. São Paulo: Editora 34, 2004, 13a

LEÃO, L. *Derivas, cartografias do ciberespaço*. São Paulo: Annablume, 2004

MADDEN, Mary. SMITH, Aaron. *Reputation Management and Social Media: How people monitor their identity and search for the others online*. Washington, D.C. Pew Internet & American Life Project, 2010

SIMONDON, G. *Du mode d'existence des objects techniques*. Paris: Aubier cop., 1989

PIGNATARI, D. *Informação, linguagem, comunicação*. Cotia: Ateliê Editorial, 2003.

Language, technology and identity in digital communication platforms: a derridian reading

Abstract: Jacques Derrida's philosophy presents important theoretical reflections on the materiality of communicative processes, basing its critique and deconstruction in a substantive understanding of the language, whose sign carries a double opacity on its technical dimension: the *écriture*. Conditions given by media artifacts hold an original

programming of meaning and perception by an archival mechanics, which sets memory and knowledge itself. This philosophy claims for a field of knowledge in media that takes technical apparatuses as inseparable constituents of meaning production.

Keywords: Jacques Derrida, Media, Deconstruction, Internet, Digital Culture

Lenguaje, tecnología y identidad en plataformas de comunicación digital: una lectura derridiana

Resumen: La filosofía de Jacques Derrida, aunque no sea muy estudiado en el área de comunicación, ofrece importantes reflexiones teóricas sobre la importancia de los procesos comunicativos. Su crítica y su deconstrucción se basan en una comprensión de la dimensión material del lenguaje, cuyo signo lleva una doble opacidad al considerar la técnica de escritura. La condición dada por los medios de comunicación tiene una programación original del significado y la percepción, anclado en una mecánica de archivo, el cual promociona la memoria y el conocimiento mismo. Se demuestra que el filósofo indica un campo de conocimiento, teniendo en cuenta las plataformas digitales de comunicación, lo que nos permite considerar a los medios como componentes inseparables del proceso de significación.

Palabras clave: Jacques Derrida, medios de comunicación, deconstrucción, Internet, Cultura Digital

Recebido: 19.07.2015

Aceito: 23.02.2016